

# A TRAGÉDIA DO ESPELHO: UMA ANÁLISE DAS REPRESENTAÇÕES ANCESTRAIS NO CONTO “MULHERES DOS ESPELHOS”, DE ESMERALDA RIBEIRO

*THE MIRROR TRAGEDY: AN ANALYSIS OF ANCESTRAL REPRESENTATIONS ON THE SHORT STORY “MULHERES DOS ESPELHOS”, BY ESMERALDA RIBEIRO*

## Dossiê:

Literatura negra e indígena no Brasil:  
oralidades, ancestralidades, resistências



## ORGANIZADORES:

Dr. Paulo Petronílio Petrot



Dr. Pedro Mandagará



Dr<sup>a</sup>. Luciana Borges



**CERRADOS**  
REVISTA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUAGEM E LINGÜÍSTICA

v. 33, n. 65, ago. 2024  
Brasília, DF  
ISSN 1982-9701



FLUXO DA SUBMISSÃO

Submetido em: 30/05/2024

Aceito em: 09/07/2024

DISTRIBUÍDO SOB



Thais Gomes de Souza  

UFGD | [gthais49@gmail.com](mailto:gthais49@gmail.com)

Leoné Astride Barzotto  

UFGD | [leonebarzotto@ufgd.edu.br](mailto:leonebarzotto@ufgd.edu.br)

## Resumo/Abstract

O presente artigo propõe analisar o conto “Mulheres dos espelhos” (2003), da escritora paulista Esmeralda Ribeiro, publicado na coletânea *Cadernos Negros*. O objetivo desta análise é promover uma reflexão crítica sob a perspectiva afro-brasileira acerca dos conflitos gerados nas estruturas identitárias articuladas pela interferência colonial. Esse fenômeno impacta no fortalecimento das representações ancestrais desencadeando um embate simbólico entre um corpo colonizado e uma ancestralidade personificada na memória que resiste à colonização. No percurso de análise, dialogamos com os estudos de Fanon (2020) e Hall (2006) que contribuíram para a compreensão das questões sobre identidade e afrodescendência, bem como os estudos de Halbwachs (2004) e Pollak (1989) para explorar as questões de memória coletiva e pertencimento. Além disso, os estudos de Bento (2022) acerca da branquitude são fundamentais para compreensão dos contextos de discriminações e desigualdades sociais no Brasil. Como resultado, apresenta-se uma reflexão sobre a importância das raízes ancestrais no processo de construção identitária. Assim, pretendemos contribuir com os estudos e discussões sobre decolonialidade e literatura afro-brasileira, colaborando para que haja mais diversidade e pluralidade na literatura brasileira.

**Palavras-chave:** memória, espelho, Esmeralda Ribeiro, ancestralidade, afro-brasilidade.

The current paper proposes to analyze the short story “Mulheres dos espelhos” (2003), by Esmeralda Ribeiro, writer from São Paulo, published in the collection *Cadernos negros*. This analysis aims to promote a critical reflection under the Afro-Brazilian perspective about the conflicts generated in the identity structures articulated by colonial interference. This phenomenon impacts on the strengthening of ancestral representations, initiating a symbolic shock between a colonized body and ancestry personified on the memory that resists colonization. Throughout this analysis, we dialogue with the studies of Fanon (2020) and Hall (2006), who have contributed to the understanding of questions regarding identity and African descent, as well as the studies from Halbwachs (2004) and Pollak (1989) for exploring questions concerning collective memory and belonging. Furthermore, Bento’s studies (2022) on whiteness are fundamental to the comprehension of the contexts of discriminations and inequalities in Brazil. As a result, it’s presented a reflection on the importance of ancestral roots on the process of identity construction. Thus, we intend to contribute to the studies and discussions about decoloniality and Afro-Brazilian literature, collaborating so that there is more diversity and plurality on Brazilian literature.

**Keywords:** memory, mirror, Esmeralda Ribeiro, ancestry, african-brazilianity.

## INTRODUÇÃO

A literatura afro-brasileira surge como maneira de dar espaço e de reafirmar vozes marginalizadas, que constituem narrativas carregadas de histórias, símbolos, vivências e subjetividades. Nesse contexto, a escrita de Esmeralda<sup>1</sup> emerge apresentando um retrato que possibilita enxergar, no texto literário, as imagens que refletem a herança do passado histórico colonial, o qual deixou marcas que assolam a população negra até hoje. A autora, por meio da ótica feminina negra, tece um tecido textual costurado com palavras que provocam uma reflexão sobre o lugar marginal que foi forjado para sua comunidade. O conto que compõe a discussão desse artigo, apresenta a vivência da mulher negra em uma sociedade que adoce os corpos marcados pelo processo colonial por meio do silenciamento e do apagamento histórico.

A escritora Esmeralda Ribeiro tece uma narrativa, que possibilita uma reflexão sobre a maneira como, as construções identitárias de mulheres negras são moldadas por processos que apagam e subvertem aspectos ancestrais. Essa ação resulta na não consolidação de sua identidade plena, bem como a negação de aspectos que constituem e formam a base responsável por estruturar sua cultura. Os estudos de Hall (2006) apontam que a identidade sofre diferentes processos e interferências. Em outras palavras, ela será moldada no decorrer de sua formação.

De acordo com o sociólogo, as identidades são dinâmicas e pressupõem um sujeito em constante reformulação, adaptação, tradução. Esse argumento auxilia na compreensão de como a formação identitária feminina negra é atravessada por processos que muitas vezes interferem em seus aspectos culturais, tradições e raízes ancestrais. Sem dúvida, a identidade não se constitui sozinha, não é estática, e se forma a partir de outras identidades, sofrendo interferências externas, como ocorre com a personagem do conto. Conforme, Hall (2006, p. 38) afirma “a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através dos processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento”. Logo, para o pesquisador, a identidade é plural, não se constituindo como algo inalterável, uma vez que

A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente. (HALL, 2006, p. 13)

Com certeza, a dinâmica das identificações ao longo do tempo, conforme teorizadas pelo pesquisador, desenvolve-se na trama de Ribeiro (2003) à medida em que a personagem entra em confronto com sua identidade e, por consequência, com os aspectos fundamentais de sua ancestralidade. Para tratar dessa questão o diálogo com o pensamento de Fanon (2020) é essencial uma vez que, seu trabalho desenvolvido na obra *Pele negra, máscaras brancas* demonstra a maneira que identidades são alienadas pela lógica colonial, provocando um movimento de embranquecimento identitário, pelo qual o negro é condicionado a substituir seus valores culturais e incorporar aspectos eurocêntricos. Esse processo é abordado no ensaio “amando a negritude como resistência política” que compõe a obra *Olhares negros: raça e representação*, na qual hooks (2019) ao discutir a maneira como a valorização da negritude é o ponto inicial para a emancipação de pessoas negras dos valores coloniais incrustados em sua identidade, a professora paralelamente discute alguns episódios em que percebeu que pessoas negras acabam reproduzindo a ótica eurocêntrica sem perceber.

Em um curso sobre escritoras negras, ministrado em uma universidade norte americana, hooks (2019) relata que iniciou uma discussão com os estudantes sobre “amar a negritude”, mas acabou não atingindo seu objetivo inicial de reflexão crítica, uma vez que os acadêmicos se fixaram em falar apenas a maneira como pessoas negras desejam ser brancas. Esse episódio demonstrou de

Desde a década de 1990 atua, junto com Márcio Barbosa, no projeto cultural do Grupo Quilombhoje – um dos mais longevos coletivos de escritores do país – e na coordenação editorial da série *Cadernos negros*. (LITERAFRO, 2021)

forma simbólica como os valores moldam a natureza da vida cotidiana, implantando-se no modo de falar, andar, sonhar e olhar uns para os outros (hooks, 2019).

A perspectiva de Fanon (2020) e a reflexão de hooks (2019) confirmam a existência de um sistema de dominação ainda presente mesmo após o fim do período imperialista, que continua a colonizar os corpos e as mentes de mulheres negras e estão refletidas na produção literária que origina esta análise. Essa relação entre os fazeres presentes no tecido textual com a dinâmica social, leva à discussão sobre a formulação das identidades culturais negras, considerando as realidades sofridas pela interferência da lógica da colonialidade que condensou diversas culturas.

Nesse sentido, esse artigo se comprometerá em analisar a maneira como as representações ancestrais sofrem um apagamento, impactando na consolidação identitária da personagem. O percurso de análise, será composto por uma reflexão sobre memória e ancestralidade, com ênfase na importância dessas unidades no fortalecimento da identidade de mulheres negras. Nessa primeira parte será feito um diálogo, principalmente com os pressupostos apresentadas por Pollak (1989) acerca das memórias subterrâneas, bem como os estudos de Halbwachs (2004) sobre a memória coletiva; além de outros intelectuais, como Nascimento (2021), que através de seus estudos sobre a constituição das comunidades quilombolas revela a maneira que esses espaços, enquanto sistema organizacional, simbolizam um lugar de preservação ancestral e de resistência cultural. Na segunda parte, desenvolve-se uma análise do conto ressaltando a maneira pela qual, apesar do processo de apagamento e silenciamento, a memória se une à ancestralidade em um movimento de resistência contra os valores eurocêntricos, os responsáveis por colonizaram o corpo, mas que não foram capazes de colonizar a memória ancestral.

## **REFLEXÕES IDENTITÁRIAS: MEMÓRIA E ANCESTRALIDADE**

A memória apresenta um retrato muito importante da subjetividade humana, da história de cada país ou comunidade, composto por imagens do que se foi, do que se é e do que será. Por meio dela são resgatados e preservados aspectos essenciais de um determinado grupo, principalmente diante de processos de silenciamento, bem como os apagamentos causados pela expansão imperialista. Como tradição, a população afro-brasileira utiliza a oralidade como forma de preservação cultural. Esse recurso tem a função de transmitir narrativas de seu povo, mantendo a memória de sua comunidade viva.

A colonialidade com uma ótica ocidental tratou as culturais dos povos colonizados como inferiores, sem respeitar as singularidades culturais dos povos africanos e os povos originários, que têm como tradição cultural a oralidade como construção de suas narrativas, tendo seus saberes invalidados pelo europeu que valoriza histórias escritas, que podiam ser eternizadas no papel e não aquelas que se mantinham vivas nas mentes das pessoas, podendo ser acessadas de maneira coletiva.

Mignolo (2020) relata que, quando os missionários espanhóis desembarcaram na América, julgavam a inteligência dos povos originários utilizando como critério o fato de dominarem ou não a escrita. Com passar do tempo essa estratégia mudou passando a ser utilizada a história. Com suas narrativas deslegitimadas, esses povos colonizados não possuíam "história" e os povos que a possuíam escreveriam a história desses povos sob sua perspectiva. Essa ótica não se restringe apenas a nação espanhola, uma vez que a mesma perspectiva pode ser observada em outras nações europeias durante a expansão imperialista em relação aos povos dominados.

Apesar dessa visão invalidar a perspectiva de histórias orais, Pollak (1989), ao tratar das memórias subterrâneas, apresenta pontos que vão de encontro com a forma como mulheres negras conseguem desconstruir narrativas por meio das memórias que estão contidas em suas histórias passadas por intermédio da oralidade. As histórias passadas de maneira intergeracional carregam os símbolos, tradições familiares, aspectos religiosos e todos os saberes que sustentam os pilares ancestrais. Em *Memória, Esquecimento, Silêncio* (1989), o pesquisador faz um estudo sobre história oral e destaca a importância das memórias subterrâneas como parte fundamental das culturas marginalizadas e dominadas. De acordo com o autor "a história oral ressaltou a importância de memórias subterrâneas que, como parte integrante das culturas minoritárias e dominadas, se opõem à "Memória oficial", no caso a memória nacional" (POLLAK, 1989, p. 20). Sendo assim, por meio dos argumentos de Pollak (1989), compreendemos a maneira como o texto

literário evidencia traços da memória, reforçando as narrativas que não foram apagadas e permanecem viva através das gerações.

Na escrita literária de Esmeralda Ribeiro, a memória se faz presente de maneira essencial mostrando que permanece viva e que os processos de apagamentos foram suficientes apenas para silenciá-la, mas não de destruí-la, uma vez que as várias vozes criam forma dentro do texto literário para serem ouvidas. Pollak (1989) argumenta um ponto interessante, que o silêncio não conduz ao esquecimento, mas pelo contrário reflete uma forma de resistência, visto que, ao mesmo tempo, são transmitidas lembranças dissidentes nas redes familiares. Trate-se de silêncio, mas não o silenciamento das lembranças, ou seja, a memória continua como uma unidade viva. Quando pensamos essa dinâmica dentro dos grupos afro-brasileiros compreendemos que durante o processo colonial não foram vítimas passivas nem tampouco voluntária da dominação (KILOMBA, 2019). A resistência por meio da memória e da ancestralidade manteve viva a cultura, a religião e as tradições desses grupos. Tendo como principal guardião dessa unidade a figura feminina, que desempenha o papel responsável por transmitir as narrativas ancestrais de maneira que possam ser vislumbradas pelas próximas gerações. Muitas narrativas podem ser fortalecidas e revisitadas pelos espelhos ancestrais que refletem toda a identidade afro-brasileira, a mãe, a avó, a tia e outras mulheres de uma mesma comuna desempenham função de transmissão de narrativas compostas por lembranças individuais e coletivas que formam a rede da memória.

Halbwachs (2004), em sua obra *A Memória Coletiva*, discute os aspectos ligados aos grupos sociais, da dependência da continuidade da memória em relação à continuidade e sentimento de pertencimento ao grupo social. O sociólogo faz uma análise sobre os diferentes pontos que estruturam a memória, acordo com o pesquisador, nossa memória é individual e coletiva, interdependente.

Consideremos agora a memória individual. Ela não está inteiramente isolada e fechada. Um homem, para evocar o seu próprio passado, tem frequentemente necessidade de fazer apelo às lembranças dos outros. Ele se reporta a pontos de referência que existem fora dele, e que são fixados pela sociedade. Mais ainda, o funcionamento da memória individual não é possível sem esses instrumentos que são as palavras e as ideias, que o indivíduo não inventou e que emprestou de seu meio. (HALBWACHS, 2004, p. 58)

Certamente, ao pensarmos sobre a memória da mulher negra, temos que considerar o conjunto de ideias, ideologias e apagamentos históricos resultantes do processo colonial que fizeram com que muitas das narrativas coletivas fossem esquecidas, abandonadas, deturpadas. Entretanto, as narrativas de mulheres negras comprovam que elas não necessariamente ocupavam papel de submissão e resistiram diante dos silenciamentos. Por meio da resistência, foram preservadas narrativas que percorrem o caminho da memória indo de encontro com a ancestralidade. A própria ordem dos espaços de comunidades afro-brasileiras com uma base identitária fortalecida por uma memória fortalecida, demonstram a maneira como esses sistemas conseguem manter vivos aspectos de sua ancestralidade que são rememorados por meio dos *espelhos ancestrais*; podemos usar como exemplos as comunidades quilombolas como sistema de resistência memorialístico e ancestral.

Os estudos de Nascimento (2021) apontam que os quilombos constituem um sistema de fortalecimento ancestral e de resistência cultural onde são mantidas tradições e produzidas novas epistemologias que percorrem um caminho diferente da matriz hegemônica. A constituição desses espaços como lugares de reafirmação e resistência, demonstra a maneira como as formações identitárias são consolidadas pelos espelhos ancestrais, pela vivência cultural e pela memória coletiva.

De acordo com, a historiadora esses espaços enquanto sistemas durante o período colonial simbolizavam um lugar de esperança e liberdade, a construção de uma vida melhor onde eram compartilhados valores e tradições culturais sem a interferência do colonizador. Após o período de dominação colonial, esses espaços continuam representando essa mesma simbologia, uma vez que continuam a refletir valores ancestrais fixados na cultura e na memória. As comunidades quilombolas enquanto sistema alternativo de desconstrução da lógica colonial consegue subverter discursos que ainda refletem aos padrões eurocêntricos, apresentando também uma identidade em

política e não política de identidade tratada por Mignolo (2008) ao discutir o processo de “desobediência epistêmica”.

Na discussão apresentada em seu artigo, o pesquisador alerta sobre a emergência de uma atitude que não repita o erro de continuar a reproduzir a mesma cosmovisão dominante, uma vez que ela está incrustada na sociedade. Logo, essa postura deve focar na construção de um discurso que considere as singulares dos povos que sofreram apagamentos de maneira discursiva e ideológica. É nesse sentido, que a dinâmica do quilombo auxilia na compreensão sobre o modo que memória e ancestralidade podem transformar a cosmovisão por meio de seus aspectos que constituem suas características culturais.

Entretanto, hooks (2019) chama atenção sobre o fato de ambientes onde são reforçados e fortalecidos aspectos culturais não serem isentos da influência da cosmovisão eurocêntrica, e que os indivíduos podem reproduzir os valores do colonizador. Isso ocorre devido a fatores difundidos ao longo dos séculos de domínio europeu. Mas exemplificaremos esse ponto de maneira mais específica na sessão de análise do conto. Os anseios da socióloga vão de encontro com visão de Mignolo (2008) que possibilita a interpretação da política de identidade como um caminho de emancipação da lógica eurocêntrica. Assim, compreendemos a manifestação das memórias subterrâneas e dos traços de memória coletiva como formas de reforçar e manter viva dentro da comunidade afro-brasileira valores e tradições culturais em que a ancestralidade possa ser vislumbrada e vivida de maneira intergeracional criando um movimento de resistência e fortalecimento.

### **IDENTIDADES ANCESTRAIS APAGADAS**

O conto “Mulheres de espelhos” faz parte da série *Cadernos Negros* (2003), volume 26, organizado pelo grupo Quilombhoje<sup>2</sup> e escrito por Esmeralda Ribeiro. É jornalista e escritora, nasceu em 1958, na cidade de São Paulo. Iniciou suas publicações em *Cadernos Negros*<sup>3</sup>, sendo uma das coordenadoras, juntamente com Márcio Barbosa. Esmeralda Ribeiro participa regularmente de seminários e de congressos a nível nacional e internacional, sempre apresentando estudos a partir da perspectiva feminina afro, com o objetivo de incentivar uma maior atuação e o protagonismo da mulher negra na literatura. Defendeu a inclusão, na educação básica de estudos sobre a cultura e a história afro-brasileira, contemplando assim o nível fundamental e médio da educação básica, como forma de combater o branqueamento e os estereótipos racistas (LITERAFRO, 2021).

A obra da autora apresenta um conflito da personagem com representações de mulheres, que se manifestam por meio de imagem refletidas nos espelhos espalhadas pela casa. Essas mulheres simbolizam uma parte de uma memória ancestral que permanecia silenciada e apresentam também um próprio conflito identitário que assombra a personagem. Na narrativa, sua vida é marcada por manifestação de figuras femininas, que a assombram todos os dias. Esse acontecimento acaba levando para um estado de embriaguez e abandono, narrado ao final do conto. Dentre as personagens que aparecem na narrativa apenas a velha Abigail, a empregada, possui nome, os outros personagens são apenas identificados por meio de graus de parentesco: a mãe, a irmã e o cunhado, com exceção do vizinho bêbado.

As mulheres estão radicadas dentro dos espelhos e se manifestam na narrativa na medida que a personagem começa a narrar os fatos decorrentes em sua vida ao longo conto, ao narrar a maneira como foi assombrada pelas mulheres, ela também narrava a construção de sua identidade, que lhe causava um conflito interno à medida que mulheres apareciam nos espelhos. “O que aquelas mulheres dos espelhos queriam comigo? Eram muitas vozes, porém tom de voz era o meu” (RIBEIRO, 2003, p. 52). Ao tratar das dinâmicas ancestrais compreendemos que todos os valores agregados representam e se direcionam a um grupo, nas narrativas afro-brasileiras as histórias se inter cruzam e formam um elo entre o passado, presente e o futuro. Na linha intergeracional cada parte acaba de relacionando a uma parte do ser, o som das vozes das mulheres ser o mesmo da personagem. Apesar de serem várias vozes constituem uma só, existe um elo dentro de si que remete às narrativas ancestrais que compõem a construção de uma linhagem de mulheres e isso causava angústia e a

2 Grupo paulistano criado 1980, como forma de resistência e luta, afirmando identidade e visibilidade à literatura afro-brasileira.

3 É uma série iniciada em 1978, sob coordenação do grupo paulistano Quilombhoje. Suas edições alternam entre poesia e prosa, fomentando a produção literária de escritores e escritoras negras. (LITERAFRO, 2021).

atormentava, demonstrando que ocorre uma identificação com as manifestações presentes dentro dos espelhos, entretanto são atravessadas por uma negação.

Hall (2006) aponta o processo gerado pela modernidade que afeta as construções identitárias, de maneira que essas unidades acabam sofrendo diversas interferências em suas constituições. À luz dos estudos do pesquisador compreendemos que constantemente as identidades são confrontadas por uma gama de outras identidades distintas, que tocam partes diferentes na qual tornam se possível uma ligação, seja com a maneira que o indivíduo se enxerga na sociedade ou a forma como gostaria de ser visto.

Porém, esse processo afeta diretamente a maneira como se articulam os aspectos particulares da identidade, como por exemplo a narrativas familiares. Não apenas isso, voltando o olhar para analisar o processo de colonização percebemos não apenas o impacto do colonizador na economia, política e organização social das nações dominadas, mas também como esse sistema de dominação mesmo com a independência dos povos continuam a agir na vida de todas as pessoas como um mecanismo de manutenção hegemônica que Quijano (2005) chamou de "colonialidade do poder". Além disso, no conto de Ribeiro fica evidente o processo de alienação que abalou a estrutura identitária da personagem, uma vez que ela começa a negar, ao longo do conto, a sua ancestralidade, causando o apagamento dos símbolos que a constituem, enquanto pertencente a um grupo, principalmente em sua relação seus valores e tradições.

Esse processo de apagamento é resultado de uma estrutura complexa sustentada por mecanismos de manutenção do poder hegemônico que se reflete em outro fenômeno descrito por Bento (2022) em sua obra *O pacto da Branquitude*. A pioneira em estudos sobre branquitude no Brasil argumenta sobre pacto não verbalizado de preservação dos privilégios que fortalecem as desigualdades e discriminações. Esse pacto

Possui um componente narcísico, de autorrepresentação, como se o "diferente" ameaçasse o "normal", o "universal". Esse sentimento de ameaça e medo está na essência do preconceito, da representação que é feita do outro e da forma como reagimos a ele. (BENTO, 2022, p. 18)

Logo, a psicóloga acrescenta que se trata também de uma herança deixada pelo colonialismo, existem heranças de ambos os lados para os descendentes de escravocratas e para os descendentes de escravizados marcadas por "histórias de dor e violência, que se refletem na vida concreta e simbólica das gerações contemporâneas" (BENTO, 2022, p. 23). Essa herança é marcada por privilégios apenas para a branquitude que de acordo com Bento (2022), durante o período colonial até a população mais pobre se beneficiou com a escravidão, uma vez que a colonização europeia utilizava a força de trabalho da população negra para enriquecer a metrópole resultando também no que se tornaria o sistema mundial capitalista.

É importante ressaltar que esse pacto não se trata de uma reunião na qual foram acordados formas de preservar os privilégios e excluir a população negra, entretanto, é como se fosse, pois as formas de exclusão ocorridas em diferentes estruturas sociais são semelhantes e sistêmicas. (BENTO, 2022). Além disso,

O pacto é uma aliança que expulsa, reprime, esconde aquilo que é intolerável para ser suportado e recordado pelo coletivo. Gera esquecimento e desloca a memória para lembranças encobridoras comuns. O pacto suprime as recordações que trazem sofrimento e vergonha, porque são relacionadas a escravidão. (BENTO, 2022, p. 25)

Dessa forma, o discurso colonial europeu transformou os corpos colonizados, que passaram a ser corpos destituídos de vontade e subjetividade, pronto para servir e com sua voz silenciada. Essa realidade de acordo com Bento (2022) deu continuidade ao lugar histórico ocupado pela população negra, que enquanto na condição de escravo foi o motor da economia da metrópole e da colônia, proporcionando a consolidação da elite brasileira e o aumento da riqueza europeia. Sob um olhar estereotipado de um povo negro único, pertencente a uma única cultura, sem levar em consideração

suas individualidades e as diversas formações identitárias, o colonizador silenciou e escreveu uma história ditada pelo olhar discriminatório que silenciou e destruiu as identidades originais da mulher negra, que deram lugar a uma identidade forjada, que foi fixada em cada corpo escravizado pelo processo colonial.

Corpos destituídos de alma, em que o homem colonizado foi reduzido a mão de obra, enquanto a mulher colonizada tornou-se objeto de uma economia de prazer e do desejo. Mediante a razão colonial, o corpo do sujeito colonizado foi fixado em certas identidades. (BERNARDINO; GROSGUÉL, 2016, p.19)

Nesse sentido, o colonialismo tentou criar um contexto no qual as sociedades modernas fossem homogêneas, o que implicou no distanciamento e condensação das singularidades culturais da mulher negra. A narrativa mostra essa questão, no fragmento do texto podemos perceber como a escritora aborda a maneira na qual a ancestralidade está presente: "As pessoas da pessoa são numerosas no interior da pessoa". (RIBEIRO, 2003, p. 54).

É possível identificar a dinâmica apontada por Hall (2006) durante o processo de consolidação identitário que se constitui a partir de várias influências e o conhecimento ancestral se torna uma parte fundamental de cada indivíduo constituindo a ponte que sustenta e fortalece a identidade, sendo transmitido de maneira intergeracional por meio de narrativas que se mantêm vivas por meio da memória de cada pessoa, pensando a maneira como ato de contar histórias é algo inerente no ser humano, devemos retomar o "conceito de memória coletiva", sua ligação com a oralidade e o trecho do conto.

Pela ótica de Halbwachs (2004) a memória coletiva se forma a partir de outras memórias favorecendo a construção memorialística de um grupo, indo de encontro com as histórias orais muitas narrativas são fortalecidas por lembranças construídas e rememoradas em grupo. Além disso, cada um desses elementos é incorporado pelo indivíduo.

O ato de contar histórias, como afirma, Motta (2013) é algo que constrói biografias e identidades pessoais. Segundo o autor, o ato de narrar faz parte da vida humana, sendo uma prática universal. Na narrativa, os aspectos das tradições e dos valores são rememorados por meio dos espelhos ancestrais que personificam na imagem de sua mãe e que são vislumbradas através das lembranças, dos símbolos e das histórias: "Mamãe não gostava de espelhos. Dizia que atraíam todo tipo de azar. Suas bisavós contavam que espíritos sem luz se aprisionavam nos espelhos". (RIBEIRO, 2003, p. 49).

Em suas lembranças permanecem os valores familiares e culturais e buscá-los na memória não apenas remete uma simbologia aos objetos, mas demonstra que as narrativas ancestrais ainda estão presentes, mas se chocam com a ótica eurocêntrica presa em uma identidade forjada pelos reflexos coloniais. São citadas as crenças da mãe e de suas bisavós em relação os objetos reflexivos, que em sua comuna simbolizavam espaços de aprisionamento de espíritos. Apesar de rememorar essas tradições ainda ocorre um distanciamento ancestral, a personagem decide não os incorporar em sua vida, apenas recorda que as mulheres de sua família contavam histórias sobre esses objetos.

Compreendemos, que não se trata apenas de um processo de apagamento, mas um distanciamento de sua ancestralidade para adoção de uma nova cosmovisão. Fanon (2020), em *Pele negra, máscaras brancas*, discute em sua obra características que podem ser observadas no conto de Ribeiro (2003). O psiquiatra apresenta uma discussão sobre o processo de embranquecimento que muitos martinicanos negros sofreram durante o período que residiram na França, transformações que refletem a figura europeia e que resultam no apagamento de características identitárias. Um dos aspectos apontados por Fanon (2020) está na questão da linguagem, ocorre um apagamento dos aspectos que constituem as singularidades discursivas do indivíduo que são substituídas pela do colonizador. A fala desses imigrantes tende a se aproximar da fala do europeu na medida que não transpareça os indícios de seu sotaque. Essa assimilação do constructo ocidental se reflete no conto uma vez que a personagem não aceita sua ancestralidade e busca se afastar dela incorporando outros aspectos.

Assim, a personagem tenta se afastar de representações que reflitam a suas raízes ancestrais. Na narrativa, após a morte da mãe ocorre uma ruptura com todas as tradições específicas, como

mostra o trecho: "Depois que mamãe faleceu, reformei toda a casa. Coloquei espelhos em todas as paredes do lado direito" (RIBEIRO, 2003, p.49). A ligação com os espelhos ancestrais foi quebrada e, por meio da reforma, a personagem buscava transformar os aspectos físicos da casa, mas também a carga cultural ligada às tradições de família, tudo era simbólico, transformar a casa, a memória e a si mesma. Agregando assim uma nova identidade, mas esse processo mudou apenas a parte física do lugar, uma vez que as lembranças continuam presentes, fortalecendo a concepção de que a memória não é algo que pode ser totalmente apagado, ela se faz presente.

Ao encher a casa de espelhos, a personagem cria um palácio para si, que reflita a sua própria imagem. Evidentemente, esse ambiente acaba refletindo imagens que ela buscava se distanciar, ecoando vozes silenciadas em sua memória. De tal modo, compreendemos que as representações ancestrais não foram apagadas, mas sim estavam apenas esperando não só o momento de expor suas vozes, bem como trazer à tona lembranças do passado.

Sem dúvida, a memória inclui valores de pequenos grupos sociais e principalmente os valores que constituem as nações e formas de destinos coletivos. As tradições que envolviam os espelhos constituíam parte importante da personagem, por meio delas se torna possível revisitar sua própria história. A perspectiva de Halbwachs (2004) reforça que a memória apresenta ao grupo um quadro de si mesmo, promovendo o reconhecimento de si dentro de cada imagem. Dentro do fortalecimento identitário ancestral, os aspectos memorialísticos são pilares essenciais para sustentar uma base identitária, possibilitando que a mulher negra se reafirme e se fortaleça. Logo, os espelhos ancestrais tornam possível o encontro e o compartilhamento das lembranças que se tornam coletivas, promovendo o sentimento de pertencimento a um grupo, de acordo com Halbwachs (2004):

Nossas lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembradas pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos nos quais só nós estivemos envolvidos, e com objetos que só nós vimos. É porque, em realidade, nunca estamos sós. Não é necessário que outros homens estejam lá, que se distingam materialmente de nós: porque temos sempre conosco e em nós uma quantidade de pessoas que não se confundem. (HALBWACHS, 2004, p. 30)

Assim, os espelhos se tornam o portal que promovem o encontro com um mundo simbólico. Por meio deles a ancestralidade buscava estabelecer contato, mas esse encontro segue uma data específica, exatos setes anos contados a partir do momento em que ocorre a quebra da ligação ancestral. Dessa forma, as raízes vêm ao seu encontro por meio de uma presença feminina, como demonstra o trecho: "Naquele dia da última festa, acordara agitada e vira no espelho do meu quarto uma mulher de véu na cabeça, virada de costas para mim". (RIBEIRO, 2003, p. 51)

O encontro com a primeira mulher ocorre depois de um determinado tempo, ou seja, simbolizando o período de espaço em que sua ancestralidade permaneceu adormecida, e por meio da memória ocorre um processo na qual será exigido o que se perdeu nas lembranças. Finalmente, as representações ancestrais surgem resistindo ao processo colonização interna. Reafirmando o argumento de Pollak (1989) sobre o silêncio não significar esquecimento. É o levante de narrativas presentes no inconsciente que gritam para serem ouvidas, promovendo um diálogo entre gerações unindo passado, presente e futuro. Essa relação é sempre construída por intermédio da memória tornando possível a formação dos discursos da história e a cultura. (HALL, 2006)

É importante ressaltar a simbologia do número sete na narrativa, considerado por muitos o número perfeito e sagrado, tendo diversos significados em todas as culturas que compõem o globo, na maioria delas sempre associado a sorte. Nas religiões de matriz africana a simbologia do número está ligada a figura dos Orixás. E, na cultura etíope, esse número está ligado a feminilidade e a fertilidade. (CUNHA JUNIOR, 2007). Assim, os setes anos antes do encontro, segundo a personagem, foram de "alegrias", o número marca uma passagem do conhecido para o desconhecido, promovendo um encontro marcado por palavras de aviso, alertando a personagem sobre o que estava por vir: "Todos os dias o ouvido ouve aquilo que ainda não se ouviu". (RIBEIRO, 2003, p. 51)

Após o período de silenciamento, as mulheres emergem da memória, personificando imagens que a personagem afirma não serem rostos desconhecidos. Por meio de avisos, essas figuras femininas buscam estabelecer contanto com a narradora. Dessa forma, ao olhar nos espelhos, ela vê



refletido várias mulheres, que juntas formam a imagem de um quadro ancestral. No primeiro contato, apenas uma aparece, mas logo outras mulheres com idades diferentes e rostos conhecidos aparecem nos espelhos. Formando uma ciranda feminina, elas pronunciam alertas, que se transformando em melodias, como ilustra o trecho a seguir: "Uma pessoa não pode emprestar seu coração". (RIBEIRO, 2003, p. 53)

Como cânticos, diferentes frases eram pronunciadas pelas mulheres dos espelhos, revelando outro aspecto presente no tecido textual, remetendo às raízes religiosas, a imagem refletida no espelho releva que uma parte que não iria ser apagada e continuaria se manifestando até ser ouvida, formando uma ciranda sagrada com mulheres que constituíam uma memória resistente.

Eliade (2008) argumenta que o sagrado é algo revelado, uma manifestação. As figuras femininas presentes nos espelhos entoavam cânticos em círculos, como um ritual no qual o resgate da personagem com suas tradições selaria a oferenda, com as mudanças lunares os cânticos eram entoados ao som de atabaques e agogôs: "Na lua cheia, as mulheres jovens e as idosas formavam um círculo e em coro gritavam [...]". (RIBEIRO, 2003, p. 52). Eliade (2008) acrescenta que, por mais profano que constitua o ser, ainda assim existem momentos sagrados, que pode ser observado no trecho: "A religião de uma mulher está em seu coração". (RIBEIRO, 2003, p.51). Por mais afastada que a personagem estivesse de sua ancestralidade, ainda assim ela se mantinha viva dentro dela, uma parte a acompanhava e se manifestava mesmo diante de sua negação.

Retornamos aos anseios de hooks (2019) sobre como a cosmovisão eurocêntrica influencia ambientes onde são fortalecidos valores culturais, a pesquisadora relata uma situação que ocorreu ao visitar alguns amigos, ela percebeu que a filha de seu casal já havia internalizado valores eurocêntricos na forma de olhar e ver o mundo que se refletiam principalmente em sua estética, por mais que os pais reforçassem no ambiente o contexto positivo da cultura afro. Essa mesma situação se repete no conto, percebemos que havia o contato com narrativas ancestrais que são indicados pelas lembranças da personagem, entretanto ainda ocorre a assimilação de valores coloniais demonstrando

a história da submissão ideológica de um estoque racial em presença de outro que se lhe faz hegemônico. É a história de uma identidade renunciada, em atenção a circunstâncias que estipulam o preço do reconhecimento ao negro com base na intensidade de sua negação. (SOUZA, 2021, p. 53)

Essa negação simboliza uma violência simbólica a identidade cultural da mulher negra, e o episódio que se segue na narrativa a atinge de maneira mais violenta. Como solução para cessar as vozes das mulheres era necessário silenciar a própria mente através do uso de bebidas alcoólicas. De tal modo, o alcoolismo surge como maneira de apagar as memórias e causar um alívio à mente atordoada. Para sumir com todas as vozes a personagem recorre à bebida, por meio do álcool as memórias sumiriam. Essa estratégia é usada baseada nos conselhos da velha Abigail, que dissera: "Uma pessoa alcoólatra é um corpo sem memória". (RIBEIRO, 2003, p. 53). Um corpo sem memória também implica em um corpo sem história e sem identidade, na medida que deixava seu corpo embriagado a relação com o álcool só deixa a personagem em um estado de solidão. Esse mesmo estado pode simbolizar a maneira que os povos colonizados foram tratados ao longo da expansão imperialista, sendo marginalizadas por uma construção ideológica que considerava todas as singularidades culturais que não refletissem ao ideal europeu como inferiores.

O ato de ingerir a bebida para anestesiá-lo o corpo, fazendo com todas as vozes fossem silenciadas, também simboliza a própria estratégia usada pelo europeu. O álcool apagava as memórias, dissipando qualquer traço familiar ou cultural. No período colonial, diversos povos foram massacrados, tendo suas culturas dizimadas. Claramente, para realizar essa ação foram deixados muitos rastros de sangue e violência, mas o que seria apagar a sua memória, senão uma violência simbólica contra a própria ancestralidade? É neste sentido, que se cria o contexto de tragédia.

Evidentemente, ao renunciar a todos os traços que constituem seus valores e tradições culturais como mulher negra ela buscava uma maneira de se encaixar no modelo imposto, mas, ao mesmo tempo, ela entrava em conflito com uma parte que ainda resistia dentro de si. Dessa forma, a parte ancestral que vive dentro dela surge na narrativa, para que a personagem reencontre no seu passado uma força essencial

para que consiga fortalecer sua identidade no presente, é uma própria luta da ancestralidade em resistir a dominação internalizada em um corpo que assume uma imagem forjada pelo sistema colonizador.

O espelho cultural, que poderia dar sustentação para a formulação de uma identificação plena, foi quebrado pelo discurso hegemônico. Gerando um conflito, que leva a própria ruína da personagem, o que resulta em um contexto de tragédia. O reflexo das figuras femininas, poderia simbolizar um reencontro com sua ancestralidade, reafirmando que as narrativas formadas a partir da construção memorialística, sustentando o elo entre as gerações, celebrando raízes e tradições que são a base cultural familiar.

Portanto, “A celebração de vínculos, inclusive afetivos, com uma africanidade em parte resgatada e em parte construída a posteriori, no âmbito da diáspora negra no Brasil” (DUARTE, 2022, p. 5), que poderia ser o pilar de sustentação para uma identidade fortalecida, os espelhos ancestrais poderiam refletir a força de uma cultura que canta e grita para ser ouvida no interior do ser.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A narrativa de Esmeralda Ribeiro foi construída sob uma perspectiva feminina afro-brasileira, nas quais destacam-se as vozes que foram historicamente marginalizadas. Por meio dessa perspectiva, a personagem apresenta, através de seus relatos, a maneira como os processos identitários estão intrinsecamente ligados a forma como mulher negra se enxerga na sociedade e como fatores como o racismo estrutural implicam em sua autoafirmação perante a sociedade na qual está inserida. Dessa forma, o conto “Mulheres dos espelhos” (2003) apresenta um diálogo entre identidade e ancestralidade no contexto em que os espelhos ancestrais formam a ponte de sustentação para a afirmação da voz da mulher negra. A construção identitária feminina afro-brasileira está em constante processo de reafirmação, uma vez que as identificações estão permanentemente em negociação, negação e afirmação, devido às imposições herdadas do processo colonial. Assim, ao reafirmar sua voz por meio dos espelhos ancestrais, a mulher negra promove o reconhecimento de sua história para que possa escrever seu futuro.

Segundo Candido (1967), o texto literário torna possível entender a maneira como os escritos proporcionam o entendimento da construção de uma imagem estilizada pelo escritor. O autor defende que a literatura desempenha uma função social ao retratar a realidade e a condição humana, contribuindo para a compreensão e reflexão sobre a sociedade. Desse modo, a literatura de autoria feminina negra releva histórias negligenciadas, narrativas construídas por suas experiências em uma sociedade ainda marcada por discriminações e o racismo.

Sem dúvida, o conto apresenta através da representação simbólica das mulheres nos espelhos, a reafirmação da presença ancestral que outrora foi apagada pela personagem. A imagem da ancestralidade refletida na forma feminina surge ecoando vozes, resistindo, confrontando, tentando romper com apagamentos gerados a partir da cosmovisão eurocêntrica.

Com isso, percebemos o que existe uma voz que não pode ser silenciada, apesar dos processos de apagamentos, as vozes ancestrais emergem como guerreiras resistentes à colonização da memória. Esse embate releva os desafios enfrentados por mulheres negras durante seu processo de reafirmação e ao mesmo tempo o desafio de desconstruir a submissão histórica de homogeneização cultural que ainda assombra a população afro-brasileira.

## REFERÊNCIAS

BENTO, Cida. **O pacto da branquitude**. São Paulo: Companhia das Letras. 2022.

BERNARDINO-COSTA, Joaze; GROSGOUEL, Ramón. Decolonialidade e perspectiva negra. **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 31, n. 1, p. 15–24, 2016. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/sociedade/article/view/6077>. Acesso em 19 de dez 2023.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. 2. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1967.

CUNHA JUNIOR, Henrique. O etíope: uma escrita africana. **Educação Gráfica**, Bauru, 2007. Disponível em: <https://www.educacaografica.inf.br/artigos/o-etiope-uma-escrita-africana>. Acesso

em: 30 de mar. 2024.

DUARTE, Eduardo de Assis. Literatura e afrodescendência. *In: LITERAFRO - O portal da literatura afro-brasileira, Literafro*. Belo Horizonte, 2022. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/artigos/artigos-teorico-conceituais/150-eduardo-de-assis-duarte-literatura-e-afrodescendencia>. Acesso em: 15 de mai. 2023

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Trad. Sebastião Nascimento. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Trad. Laís Teles Benoir. São Paulo: Centauro, 2004.

HALL, Stuart. **A identidade Cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 10<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: DP&A editora, 2006.

HALL, Stuart. Identidade cultural e diáspora. Trad. Regina Afonso. **Comunicação & Cultura** n. 1, p. 21-35, jan. 2006. Disponível em: <https://revistas.ucp.pt/index.php/comunicacaoecultura/article/view/10360>. Acesso em: 01 de jan. 2024

HOOKS, bell. **Olhares negros: raça e representação**. Trad. Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2019.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LITERAFRO: o portal da literatura afro-brasileira. *In: LITERAFRO*. Belo Horizonte, 2021. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/244-esmeralda-ribeiro>. Acesso em 19 de mai. 2023.

MIGNOLO, Walter. Desobediência epistêmica: a opção descolnial e o significado de identidade em política. **Cadernos de Letras da UFF**, Niterói, n. 34, p. 287-324, 2008. Disponível em: <http://professor.ufop.br/tatiana/classes/ppgd-pluralismo-epistemol%C3%B3gico/materials/desobedi%C3%Aancia-epist%C3%Aamica-walter-mignolo>. Acesso em 30 de jan. 2024.

MIGNOLO, Walter. **Histórias locais/projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2020.

MOTTA, Luiz Gonzaga. Homo Narrans. *In: MOTTA, Luiz Gonzaga. Análise crítica da narrativa*. São Paulo: Editora Universidade de Brasília, 2013.

NASCIMENTO, Beatriz. **Uma história feita por mãos negras: relações raciais, quilombos e movimentos**. Rio de Janeiro: Editora Schwarcz, 2021.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989. Disponível em: <https://periodicos.fgv.br/reh/article/view/2278>. Acesso em: 28 de set. 2023.

QUIAJNO, Anibal. Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina. *In: QUIAJNO, Anibal. A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires: CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2005. p. 117-142.

QUILOMBHOJE. *In: Quilombhoje: missão*. São Paulo, 2023. Disponível em: <https://www.quilombhoje.com.br/site/quilombhoje/>. Acesso em 20 de jan, 2024

RIBEIRO, Esmeralda. Mulheres dos Espelhos. *In: RIBEIRO, Esmeralda; BARBOSA, Márcio. Cadernos Negros: volume 26: contos afro-brasileiros*. São Paulo: Quilombhoje, 2003.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se Negro**. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.